

# Gaiato

AVENÇA

Quinzenário \* 28 de Fevereiro de 1976 \* Ano XXXII — N.º 834 — Preço 2\$50

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

## FESTAS

Há fogo. Há fogo nos Rapazes ao organizar o programa que há-de percorrer muitas terras de Portugal. Fogo que há-de aquecer muitos que nos procuram e depois se hão-de deixar consumir em fogo de amor. As nossas Festas são marcadas por este fogo de amor.

Ainda há poucas horas chegou um casal de cidade distante. Ele foi mordomo-mor das nossas Festas desde a primeira até que a saúde lho permitiu e apareceu substituto. Ainda agora ajuda em tudo. Esteve a animar-nos a que não deixemos de as fazer. Que coisas lindas este casal diz sobre as nossas Festas!

Partiu há instantes e tivemos (Rapazes e eu) de prometer que em breve nos encontraríamos no Teatro-Cine da sua terra.

Eu também sou um dos apaixonados pelas nossas Festas. Elas são uma fonte. Fonte de abertura para todos os que nelas participam, quer no palco, quer na plateia. Fonte de comunhão duns e doutros. Fonte de riqueza na formação da personalidade destes nossos que, na grande maioria, nos chegam bem chagados e traumatizados pela sociedade que os gerou assim.

Já tenho procurado descobrir qualquer coisa do programa que vai ser mas, por enquanto, nada posso dizer. Estou porém certo que vai agradar muito, tanto mais que todos estamos ansiosos por de novo nos encontrarmos, depois deste solavanco dum ano passado.

Brevemente começaremos a bater às portas do costume e esperamos encontrá-las todas abertas. Portas das casas e portas dos corações. Tem sido assim todos os anos anteriores. Nunca encontramos obstáculos que se não transpusessem. Têm-se operado muitas maravilhas. As Festas começaram e hoje são parte da nossa vida e da vida de todos quantos têm participado nelas.

Padre Horácio

## LOURENÇO MARQUES

Os nossos Leitores já sabem. A Casa do Gaiato de Lourenço Marques foi extinta. Uma decisão, sem apelo, da Presidência pôs termo e sancionou a cobiça do Ministério do Interior.

Os Rapazes, no mesmo dia 28 de Novembro, partiram para o Seminário da Namaacha, tomado à Igreja e já desocupado. A nossa Aldeia ficou deserta e despojada. As casas, de pé, mas mortas!

A história é longa e poderá ser contada a seu tempo.

Tentei, a todo o custo, ficar ao lado dos Rapazes, com uma função educativa. Impossível! Para salvaguardar a pureza da revolução há que imunizar «os continuadores de toda a influ-

ência religiosa obscurantista». Medida geral de carácter anti-constitucional, pois já fecharam muitas igrejas ao culto, transformando-as em salas de comércio e manifestações culturais.

Duas mágoas conservo gravadas para sempre. Uma por ter deixado os Rapazes que eram meus e nunca mais sentirão afecto, nem viverão em amizade, porque a palavra de ordem é «vigilância»!

A outra, porque o acontecido não passa de um roubo às crianças de Moçambique. Representava para elas tudo o que tinham; misturaram muito suor com a argamassa dos caboucos e placas; há ali muito trabalho exclusivamente seu; aquela Aldeia foi levantada com a ge-

nerosidade e sacrifício de muitos e o dinheiro do Governo não foi tanto que desse sequer para o arrotar das terras. Uma obra assim, vê-la transformada em centro de preparação da Polícia Secreta, faz doer, não é justo.

Alguma alegria conservo para atenuar. A de ter colaborado, de mãos vazias, mas apaixonadamente, para o Povo Moçambicano, no bem das suas Crianças mais carecidas.

E ainda uma gratidão íntima e intensa a todos quantos nos ajudaram, desde o primeiro momento até àquele em que foi preciso o custear a viagem de retorno.

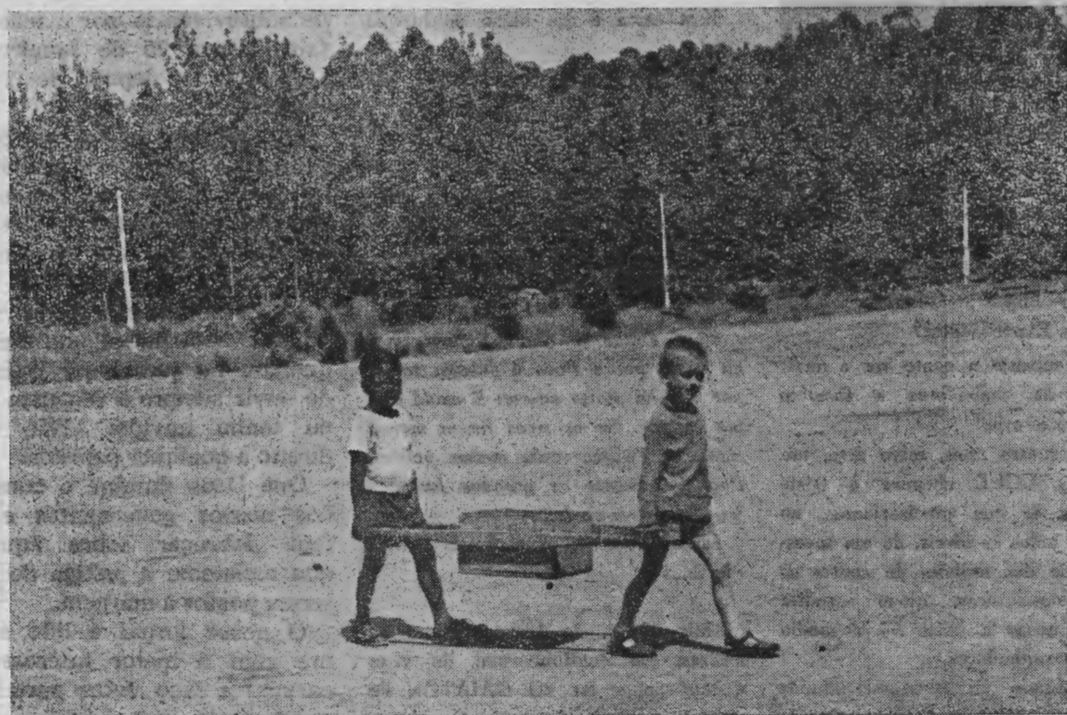
Deus seja louvado!

Padre José Maria

## Malanje

Por

P.e TELMO



### ● Chuva e sol.

*Um ar húmido e fecundante envolve as plantações. A seiva ferve e se manifesta num crescimento que se apalpa.*

*Plantámos mangueiras, abacateiros e mandioca; semeámos feijão, ginguba e milho. E agora tudo nasce e cresce.*

*Um cântico silencioso e belo! Em ritmo poderoso e leve! Radioso nascer do sol! E o brilhar de gotinhas nas hastes do capim!*

*Quem pensa em violência nesta fertilidade luminosa? Como somos loucos!... Meu Senhor!*

● — Vê — disse-me o velho — aquelas rosas no mesmo jardim, a mesma terra, e as rosas brancas e vermelhas? Também nós e os brancos podia ser assim; mas não foi, nunca foi.

*Bem bonitas rosas! Ainda as vejo no tapete de relva.*

«Pipocas» e Isaias, de Malanje. «Nas casas de família todos os filhos trabalham nas ocupações de que são capazes» — Pai Américo.

### ● Dei boleia a três meninas professoras numa povoação a 30 km de Malanje.

*Altivas e indiferentes — deu-me impressão de ter eu que agradecer.*

*A conversa começou entre elas como se eu não fosse.*

*Arrisquei:*

— As meninas estudam?  
— Sim — respondeu uma.  
— O tempo está chuvoso...  
A que tinha dito sim acenou com a cabeça.

*E a conversa entre elas reavendou-se, neste momento, sobre lençóis de todas as cores à venda numa loja nova.*

*Que fosso enorme entre nós... Porquê? Quem o cavou?*

*Nasceu-me na alma uma tristeza dolorosa, em contraste vivo com o sentimento de beleza a emanar das colinas verdes e do planalto alongado até à linha do horizonte.*

*As chuvas arrastarão húmus que encherá o fosso.*

*Plantaremos relva e flores. Poremos os pés e daremos as mãos.*

*Olhemos o sol e as estrelas e tenhamos esperança.*

Padre Telmo



# PALAS CASAS DO GAIATO

## IRMANDADE DO CORVO

**COLABORAR** — Venho dizer-vos que fui mais uma vez chamado a colaborar neste nosso jornal tão querido por vós.

Quero dizer-vos que tenho obrigação de tomar parte na nossa vida. E porque não? Pois se a nossa Obra é de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes, porque não hei-de eu colaborar também?

Ao fazê-lo, sei que vou dar aos outros a alegria do meu contributo e, acima de tudo, sei que estou a contribuir para a minha própria formação.

Não obstante, sei também que, na base de tudo, o nosso jornal é em parte o recheio do nosso pão, além do nosso trabalho quotidiano.

Quer nas oficinas, no campo, no gado, na vida doméstica, cada um procura dar o seu contributo e assim, com o esforço de cada um e a ajuda dos nossos amigos, vamos tendo o necessário para viver.

**A NOSSA FAMÍLIA** — Chegou há semanas um benjamim de dois anos aproximadamente, o qual ainda não fala e, segundo a nossa impressão, tem de facto sinais de não ser uma criança muito normal. Trouxe consigo já alguns sintomas de doença, que pouco tempo depois o levou ao Hospital de Celas, em Coimbra.

Ontem fui com o sr. Pe. Horácio fazer-lhe uma visita. Na enfermaria onde se encontrava, era como que um Menino Jesus.

Todas aquelas doentes simpatizavam com ele. Era, de facto, muito simpático em certas atitudes que tomava.

Entre as suas pernitias tinha uma saqueta de bolos; e junto dele o sr. Pe. Horácio procurava acarinhá-lo, fazendo-lhe uma festa, mas tudo isso se fazia ultrapassar por uma saca de bolos.

Quem será a família desta criança vítima da sociedade?

Só poderá ser a Casa do Gaiato. E quando deixarão de existir filhos sem pais?!

**AS NOSSAS OFICINAS** — Como a construção tem estado praticamente parada, tem havido certamente falta de trabalho nos meios operários.

Nós, em nossa Casa, temos tido sempre trabalho, graças aos nossos bons fregueses que têm sido muito atenciosos.

Mas, apesar de tudo, está já a fazer-se sentir, com uma certa frequência, a falta de encomendas, o que não queremos que se venha a agravar, pois todos sabemos que estamos num período em que o trabalho tem de ser progresso.

Por isso, não se pode aceitar que uma oficina com homens quase (e alguns já) lançados na vida, todos eles com tanta força de vontade de aprender, não haja trabalho suficiente que possa satisfazer um sector deste género, já com alguma perfeição, em

benefício da formação profissional dos Rapazes.

**O NOSSO CAMPO** — A vida neste sector é um trabalho que todos gostamos de fazer. Depois da merenda é o que nos ocupa.

Ultimamente procurámos amanhar os nossos campos. Por conseguinte, andamos a preparar a cama para a sementeira das nossas batatas. Para esta faina ainda há bastante semente que nos ficou do ano passado. Até à data nunca nos tem faltado este belo manjar, o que hoje não é muito fácil adquiri-lo da maneira em que está a carestia da vida. É o que nos tem valido.

As nossas videiras também estão a ser atendidas; têm já a poda feita e em seguida irão pôr-se as canas.

Os nossos mais pequeninos têm sido os seus descascadores. É deles a cor verdejante das nossas vinhas.

As nossas árvores de fruto também já foram tratadas.

Manuel António

## PAÇO DE SOUSA

**DIVERTIMENTOS** — Cá em nossa Casa, para muitos o único divertimento é a bola.

Ora, a nossa quinta ainda se alonga um pouco, logo, há hipótese de passear, admirar a beleza da Natureza. Claro, o saber admirar é um factor importante. Mais, organizar corridas, jogar aos «cow-boys» mas sem se alejarem uns aos outros como é costume nesse jogo; enfim há os mais variados jogos.

Jogar a bola, claro, está muito certo. Mas agora ser agarrado, não conhecer outra coisa de ocupação nas horas de recreio, isso é mau.



Casamento do Abel Rodrigues (ex-«Espinho») e da Amélia

Têm-se realizado cá em Casa vários campeonatos — digamos assim — de futebol. Não está errado; mas claro o campeonato não dura sempre, logo é preciso nas outras horas e nos outros dias fazer outra coisa sem ser o futebol.

Chega-se ao fim do Domingo e são as solas dos sapatos rotas, são as biqueiras estragadas, enfim, trabalho para o nosso sapateiro, o Vasco.

Eu falo em Domingo, porque vê-se a quase toda a hora o campo em excitação.

A bola, claro, a bola.

Eu não quero, nem devo querer que se acabe com o futebol, mas apenas dizer que o futebol (na maior parte dos casos) não nos dá de comer.

Há mais maneiras de distrair. É só pensar nelas e executá-las.

**MAIS IRMÃOS** — Ultimamente temos recebido em nossa Casa vários irmãos novos. Novos, em relação à entrada cá em Casa.

Não fechamos as portas a ninguém pois nós «somos a Porta Aberta» e não podemos fechá-la.

Venham sempre! Cá os acolheremos mediante as nossas possibilidades.

**FOLHAS** — Com o Outono as folhas caíram das árvores e deram trabalho aos nossos rapazes mais pequenos que, aos sábados, e não só, lá andam de saco na mão a apanhar a folha que servirá para estreme ou para o lume.

Pois, praticamente já temos as árvores todas despidas; assim já não dão mais trabalho aos pequeninos.

**CHEGADA** — Há dias, foi precisamente no dia 5 deste mês, chegamos da nossa Casa de Moçambique o sr. Pe. Zé Maria.

Com ele chegaram, também, as saudades e os sofrimentos. Qual o pai que abandona seus filhos sem lhe ficar na mente aqueles por quem tanto sofreu?!

Caso idêntico.

«Marcelino»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Ela é uma refugiada de África, que ainda não sabe nada do marido. Está com os filhos, já mocinhos, que estudam no chamado Ensino Básico, o qual — dizem — não tarda a ser de 8 anos. Experimental?

É um encanto a gente ver e ouvir fumaças de sonhadores a fazerem omeletas sem ovos!

Se há quatro anos, salvo erro, um perito da OCDE chegava à triste conclusão de que precisaríamos, no Ensino a todos os níveis, de um investimento de dez milhões de contos só em infra-estruturas, quem acredita nestas fumaças a curto ou a médio prazo? Os sonhadores.

Não falando já de alguns alunos do 7.º ano do Liceu, por exemplo, que até Fevereiro do ano da graça de 1976 não tiveram uma única aula

de Matemática; a quatro meses dos exames! Não falando, ainda, de uma gravíssima violação dos Direitos do Homem, nem mais nem menos do que o corte puro e simples do abono de família aos estudantes que se preparam fora, sim, até do esquema oficial! Como se o nosso Ensino já tivesse atingido a perfeita qualidade e rendimento...

Voltando à Refugiada. Abrimos-lhe um crédito mensal de 1.000\$00 no merceiro para que ela e os filhos não se afoguem no cotão. E tenham, assim, um mínimo de subsistência.

O merceiro é o pelourinho dos Pobres! Daí, houve que adoptar o mesmo critério para um doente com baixa — «só até que receba o dinheiro da Caixa, pra que não tenhamos fome, pois eles demoram muito...!», sublinhou.

Eles...!

**PARTILHA** — De Viana do Castelo 50\$00, «em reparação de uma falta e em comemoração do meu 70.º aniversário natalício». Parabéns!

Ouçamos, agora, a habitual ressonância de um Vicentino lisboeta:

«Ao ler o caso do admirável Se Zé não pude deixar de exclamar: Bendito Deus nos Seus santos! Sim, porque santos não são apenas os dos altares. Quantos não passarão na rua ao nosso lado sem disso nos apercebermos? Quantos não conheceremos, mesmo sem nunca nos terem dado conta das suas virtudes heróicas, apenas conhecidas deles e de Deus?»

Se Zé pertence a esse número dos simples, de quem é o Reino dos Céus. Como invejo a sorte de terem um tal defensor no Tribunal Supremo! Oh! admirável advocacia dos simples, que me confunde, humilde licenciado em Direito que envelheci debruçado sobre os problemas jurídicos! Sim, advocacia admirável e de efeito seguro porque saída do coração e não do cérebro.

Junto uma pequena lembrança, agradecendo a lição de caridade que o Se Zé nos deu.

Peço, por favor, uma oração por minhas filhas...»

Esta carta é um facho de luz da Luz!

Mais 50\$00 da Foz, pedindo que Deus «dê saúde para continuar a enviar estas migalhinhas do meu modesto ordenado». O dobro de um velho Amigo, cujo anonimato é completo; senão, teríamos um puchão de orelhas!

Atenção à Guarda:

«(...) Tenho fé que o futuro trará ao nosso pobre Povo a justiça social por que há muito anseia. E oxalá não me engane. Se os ricos forem menos ricos, os Pobres serão menos pobres. Pois justamente as grandes fortunas é que fazem a miséria.

Junto 100\$00 para a vossa Conferência...»

Mais 50\$00, de Lisboa, «para os Pobres. Eu continuo mal da vista e sem poder ler «O GAIATO», de que tenho muita pena». O mesmo da Rua da Saudade, também da capital.

De Fiães, 500\$00 «para ajudar os Pobres da Conferência. Não é muito, mas é de boa vontade. Agradeço o anonimato».

A procissão dos Anónimos! «Não saiba a esquerda...» É assim mesmo; tal qual indica o Evangelho.

Em memória de D. António Barroso, os habituais 20\$00. Curvemo-nos à memória do grande Bispo, que Pai Américo tanto admirava.

Mais 100\$00, e um desabafo, de Mafra:

«(...) Não calcula como eu tenho sofrido! Nós, os aposentados, ninguém pensa neles. Tanto se trabalhou, tantas horas, e sempre cumprindo o melhor que se podia. E agora?!

Sujeitos à carestia da vida, doentes, sem poder trabalhar e até como eu, com 74 anos, tenho que fazer a minha vida toda, sem gente amiga porque vive-se numa época só de vaidade, tudo se julga mais uns que os outros, sem terem piedade de ninguém...»

Só me entendo a rezar e ir à igreja sempre que posso. Só Deus nos pode valer.

Desculpe este desabafo, mas aqui não se pode desabafar...»

As carências da terceira-idade estão na ordem do dia! Como, aliás, sempre estiveram. «Uns comem a carne, outros roem os ossos!» O Povo lá sabe o que diz.

Finalmente, oportunas ofertas: da assinante 17929, por intermédio do Montepio Geral, de Lisboa; e de Extremoz.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Uma Carta

«Sou a mesma assinante que há meses escreveu a lamentar-se de ser esquecida pelo Estado e ter ficado sem pensão de sobrevivência por a mãe ter falecido em 25 de Janeiro de 1973 e não depois de 1 de Março do mesmo ano.

Aquilo que então me pareceu grande injustiça, não mais foi remediado; e eu, agora, já com 69 anos, velha e doente, não tenho qualquer auxílio do Estado!

Há pouco, outra senhora, viúva de Funcionário, também se queixou no jornal «O Gaiato» de ouvir sempre a resposta que eu tenho ouvido: «Não tem direito a qualquer pensão!»

Que Deus ilumine o coração dos nossos governantes e os faça debruçar sobre aqueles que reclamam a justiça de não serem postos à margem.

O nosso jornal é lido sempre com o maior interesse e carinho e faço votos para que a Obra de Pai Américo seja cada vez mais ampla e fecunda nos seus resultados.»





No meio do jardim, uma parte da Comunidade da Casa do Gaiato de Benguela.

# ÁFRICA

## Notas de viagem (4)

● A Casa do Gaiato de Malanje fica a cerca de 9 quilómetros daquela cidade, ao lado da estrada que a liga a Luanda, ocupando larga área na zona do Culamuxito, que forma dentro da fazenda uma pitoresca lagoa, ladeada de frondosas árvores, ponto de atracção que foi, em tempos ainda recentes, das gentes malanjinas. Situada numa zona de clima agradável, pode considerar-se compartimentada em três grupos fundamentais: parte habitacional e de oficinas, com três residências para os Rapazes, casa-mãe (escritórios, cozinha, refeitório, etc.) e anexos, escola, duas vivendas para os Obreiros, enfermaria, rouparia, consultório, sala de música e de convívio, capela, um espaçoso campo de bola, carpintaria e serralharia devidamente apetrechadas, cabine eléctrica e depósito de água; sector dos edifícios agrícolas e pecuários, desde o hangar para as máquinas até à estufa para o tabaco, passando pelos armazéns de recolha de produtos, pelo aviário, pelas pocilgas e pelos edifícios destinados aos bovinos, ultrapassando estes as 200 cabeças; o terceiro sector é ocupado pelos terrenos cultivados — onde se produz café, arroz, milho, algodão, tabaco, mandioca, hortaliças, etc., ao lado das bananeiras, abacaxis, abacateiros, mangueiras, laranjeiras e outras árvores de fruta — parques para o gado e floresta ainda por desmatar ou ocupada por eucaliptos.

● Estivéramos em Malanje há cerca de 9 anos. Como fomos encontrar diferente tudo aquilo que víamos então! Quem acompanha a par e passo o desenvolvimento das coisas, às vezes, quase não se apercebe do que foi realizado. Quanto trabalho, quantas can-

seiras e que tamanhos sacrifícios, por amor dos Homens, após 12 anos de permanência naquelas terras, está ali patente aos olhos de quem quiser ver! E que beleza e que condições salutaras de promoção não foram colocadas ao serviço dos Jovens angolanos, na Casa do Gaiato de Malanje, sem alardes nem exteriorizações falazes, mas na firme certeza de que vale a pena pôr a vida ao serviço dos Irmãos! Deus seja louvado!

● Padre Telmo é o «pai de família» de cerca de 100 Rapazes. Homem sempre inquieto com o bem dos que lhe estão confiados, sonhador e duma sensibilidade poética como poucos, não regateia o seu esforço nem se intimida com as dificuldades, como se as fragas transmontanas que o

viram nascer lhe tivessem incutido a dureza e a força indispensáveis para transpor os maiores escolhos. Aberto às necessidades dos «seus», não deixa de o estar em relação às das populações das redondezas, materiais ou espirituais. Enfermeiro, médico, transportador de doentes, dinamizador do progresso das senzalas, mandando construir capelas ou escolas, abrir poços ou arrotear os campos, é uma presença viva do Evangelho naquelas paragens. A Aldeia de Leprosos sita nas cercanias de Cambambe representa um acto de verdadeira Fé e sinal evidente daquilo a que pode conduzir o dar-se. O respeito e admiração de que é alvo, apesar de todas as limitações e fraquezas, são o reconhecimento da validade da sua acção, que o é da Obra a que pertence.

# Notas do tempo

**«Que ninguém se iluda nem faça bem aos homens somente por amor deles, porque depressa desanima. Não. Havemos de seguir as pisadas do Mestre, se quisermos fazer obra de resistência.»**

**Não é verdade que foram dez os leprosos curados e apenas um veio agradecer a cura?**

**Os homens são sempre os mesmos e o Mestre também. Os episódios do Evangelho são a Vida da nossa vida!»**

A tarefa das nossas edições é, a muitos títulos, preciosa e um deles este de nos manter na pista de Pai Américo.

O pequenino trecho de abertura é fruto da sabedoria que Deus dá, mas também da experiência de quem cá anda — que lidar com os homens é missão esgotante, porquanto a humana capacidade de dar depende do que recebe; e há um só que não falta e é superabundante nos Seus dons. Pai Américo aprendeu-o à saciedade da vida e soube-o com uma certeza plena da «Vida da nossa vida» que bebeu do Evangelho.

Ai dos obreiros do Reino que procuram em outras fontes! Não que sejam despiciendas e não devam dar o seu contributo ao missionário do Bem!

● Visitámos Malanje, cidade mártir, com sinais evidentes de destruição e de saque. Assistimos à festa de tomada de hábito de cinco religiosas africanas, presidida pelo Bispo local, com a presença de clero e religiosos de vários países. Aí vivemos momentos inesquecíveis e sentimos a responsabilidade de ser padre nos tempos conturbados que passam. Ante os quadros mais variados, alguns deles verdadeiramente apocalípticos, é consolador constatar o fervor de alma e o empenho que os missionários, muitas vezes vindos de longe, colocaram ao serviço dos seus Irmãos, num total esquecimento de si mesmos e numa atitude de absoluta renúncia. Como é fácil criticar aquilo ou aqueles que não conhecemos, sobretudo quando nos apresentamos de mãos vazias!

A nossa Casa foi uma ilha de paz para muitos que ali acorreram durante os confrontos dos movimentos políticos, mau grado um ou outro incidente menos desejável ou as maneiras bruscas de alguns membros do Exército Português. Sinais de guerra estão marcados nos edifícios. Ali continuam a acorrer as populações em busca de ajuda, dado que os géneros alimentícios nem sempre têm abundado. Através da Caritas tem sido possível distribuir algum leite e outros artigos, quando não daquilo destinado à Comunidade. Serviço dos Homens.

● Uma das maiores fontes de riqueza da quinta é o seu gado. Ele é de várias raças, de estirpe pura ou de cruzamentos. Há padreadores de qualidade. É um espectáculo ver, pelo raiar da aurora ou pelo pôr-do-sol, a ida ou o regresso das manadas para os parques. Quase não há dia que não nasça o seu vitelinho. Passado algum tempo de convulsão, com roubos ou tentativas deles, mais um ou outro caso de flagelação de alguns animais, tudo voltou à normalidade. Carne e leite não faltam aos Rapazes e uma ou outra

cabeça que se vende ajuda à satisfação dos encargos. Padre Telmo, com a sua alma de poeta, vai contemplando tudo isto.

● Aconselhado por Padre Telmo e Padre Henrique, sacerdote ímpar, de nacionalidade holandesa, ao serviço da Diocese, regressámos, cheios de saudades, a Luanda, no dia 27 de Outubro, na camioneta da Casa, conduzida pelo Bernardo e na companhia do Nando. A iminência de confrontos na zona de Lucala e os sucessivos controlos tornaram a viagem inesquecível. Desde o transporte de soldados até ao de arquivos de um dos Movimentos nada faltou na nossa caminhada. Em Dalatando (antiga Salazar) vimos fortes contingentes militares cubanos; próximo de Luanda, aí a uns 50 a 60 quilómetros, deparámos com forte coluna militar com material pesado. Foi, pois, em permanente aparato bélico que realizámos a nossa deslocação. Mas, para lá de tudo, o que mais nos impressionou e jamais se desvanecerá, foi, sem dúvida, a multidão em debandada, fugindo da zona de possíveis combates. Milhares e milhares de pessoas, sobretudo velhos e mulheres, estas com carregos à cabeça e volumes nas mãos, quando não com os filhos às costas, com olhar aterrorizado, de resignação compulsiva, andando e andando ao sol, ao longo da estrada, com fome e sede. Foram horas de profunda meditação. Senhor, como é abominável a guerra e como é desolador ver os Inocentes a sofrer!

● Chegámos ao Paço Episcopal de Luanda pelas 19 a 20 horas e aí encontraríamos a costumada hospitalidade. Lá nos conservámos três dias, após o que, passadas horas amargas de ansiedade na comunhão dos problemas angustiosos postos a muitos, partimos da capital de Angola pelas 14-15 horas locais. Eram cerca de 20 horas e desembarcámos no aeroporto de Lisboa. Estava finda a nossa missão.

saram sobre a sua morte, o que não aconteceu. Por isso mesmo escrevo deliberadamente é mestre e não foi mestre. Eis uma distinção essencial entre a presença actual dos santos e a lembrança histórica dos sábios. Francisco de Assis ou Vicente de Paulo, agindo nas circunstâncias reais do seu tempo, são hoje figuras vivas que o nosso tempo reclama com a mesma oportunidade e urgência.

A sociedade nova que se pretende menos se construirá com ideias do que com vidas gastas por amor dos homens. Os comportamentos das «massas» são, naturalmente, o somatório dos comportamentos dos indivíduos. Uma longa caminhada de civismo e de espírito comunitário será a preparação indispensável para uma nova

Cont. na QUARTA pág.



# Do que nós necessitamos

Este rol do que até nós chegou, data de meados de Dezembro. Vão aqui, pois, muitas dádivas anotadas, que nos vieram pelo Natal, com o carinho e o muito amor que nos dedicais. O Senhor vos pague. Ei-lo:

Cheque de 10 contos, de alíguas, para atenuar a despesa de pão nesta Casa. Mil e oitocentos escudos, percentagem dum prémio de lotaria. Assinante com 150\$. Da Rua António Cardoso, donativos de 4 meses, somam 4 contos. Do Fundão, várias mensalidades de 250\$. Da «Mãe que crê em Deus», 200\$. «Uma alentejana» com 2.000\$. Mais 170\$ de Vilar do Paraíso. Setecentos de D. Rosinha. Júlia com igual quantia. Mil da venda de alianças, por alma de Lucília e Augusto. Duas presenças de 100\$ com a legenda: «A promessa que a minha gratidão não esquece». Os 100\$ mensais, em selos de correio, que nos chegam da Amadora.

Mil dum grupo de funcionários do INATEL. Cinquenta da Praia da Aguda. Duma Mãe de Matosinhos, 500\$, por alma de seu filho. «Portuense qualquer» com 600\$. Um grande pacote de malhas de Santo Tirso, da Fábrica Silvarés. Anónimo com 1.000\$. Sintrense com 200\$.

S. Pedro do Sul com 100\$. De F. M. M. do Porto, 500\$. Vestuário de Famalicão. Lisboa com 100\$. Rodrigo Ferreira & Filhos, com 500\$. De Gaia, 100\$. Idem de Lisboa-2. Vale de 150\$ da Amadora. «Uma aveirense» com 100\$. Velho admirador, da Lousã, com 100\$. Da capital, 20\$, 100\$, 100\$, 250\$, 500\$, 100\$, 1.000\$ e 6.000\$. Dos Empregados da Sede do Banco Borges & Irmão a lembrança de Natal, de 8.630\$ e a muita estima que nos dedicam.

De quem pede «Orações pela salvação da Pátria», 50\$. Carolina com 3.500\$. Duas amigas de Lisboa, com 100\$. Da R. Alfere Malheiro, 120\$ mensais. Também mensais são 300\$ que recebemos da Rua 31 de Janeiro. Da Companhia Portuguesa de Electricidade, 150\$. Da Família dos nossos «Girassol» e «Malmequer», 190\$. De Braga, 50\$. As camisolas que, todos os anos, mãos carinhosas da Rua de Serralves nos mandam. Setecentos e cinquenta, metade do 13.º mês de um dos nossos Retornados de África. Mais um cheque, este de 8 contos e estas linhas: «Graças a Deus que no meio de tantas preocupações e incertezas me obriga a não pensar só em mim e nos meus».

«Uma vez mais, os funcionários da Caixa Têxtil juntaram boas vontades e delas resultou a lembrança de 5.987\$50 que neste Natal enviam para a Obra que muito admiram e acarinham há mais de uma dezena de anos, apenas lamentando ser pouco para o que desejavam oferecer.» Pelo vosso carinho e amizade, bem hajam.

Roupas de Faro. Cinquenta de Braga. Mil do Porto. Monte Estoril, presente: 3.000\$ por uma graça concedida. E os Avós de Sintra também presentes com 500\$ e 1.400\$. Maria José com 200\$. «Uma Mãe» com 100\$. Assinante da Madalena com 50\$. De Esmoriz, 40\$. Da Figueira da Foz, 50\$. Uma Avó envia 3 camisolas e 200\$. Oliveira de Azeméis com 250\$. «De uma Tia agradecida», 50\$. E 500\$ por uma graça concedida. Mais 200\$ que pessoa conhecida e amiga entregou em mãos, por alma de Albertina Loureiro.

De Ilhavo, 20\$. Maria Preciosa com 50\$. Donativo de 2.270\$, entregue aos cicerones. Mais 1.000\$ do Grupo Motorizado de Boa Nova — Mazarefes. Anónima com 100\$. Do Porto, 50\$. De uma paroquiana de Marrazes (Leiria) e por intermédio do seu Pároco, 1.000\$. Ass. 25151 com 150\$, sendo 100\$ da venda de papel velho e 50\$ duma benfeitora. Cem de Rio Maior. Dois mil de Oledo. Quinhentos de Esmoriz. Da Av. Ilha da Madeira, 800\$. Do Porto, 100\$. De Amarante, 1.000\$. Olívia com 20\$. De Matosinhos, 500\$. Maria da Graça com 150\$. De promessa, 500\$ de Gaia. Mil quinhentos e quarenta do Porto. De Lisboa-2, 200\$. Quatrocentos de «alguém». Cem duma promessa. Duzentos do Porto. Mil e quinhentos

do ass. 32.910. A «Uma Maria do Porto», dizemos que sim. Tudo nos foi entregue. «Uma Mãe alentejana com cozinhas que conseguiu arranjar.» Duzentos da Sociedade de Cristais. Anónimo de Aveiro com 1.000\$. De Maria José e Isabel 100\$. Dos Trabalhadores da Perfiladora da Senhora da Hora, 1.225\$. Mais 100\$ do Porto. Novecentos de Lisboa. Cem do ass. 12018. Beatriz com 150\$, pelo 3.º aniversário do falecimento de seu Pai. Dois mil por uma intenção particular, duma avozinha da Praça da Alegria. «Uma espanhola» com 500\$. Por alma de Maria da Conceição, 200\$. Mais 500\$ do Porto. Cem da ass. 3384, do Barreiro. Dez contos, do Rio de Janeiro, por várias intenções. Quinhentos de Espinho.

«De Uma Viúva Amargurada», 100\$ e um alfinete de pedras finas. Sessenta do Porto. Mil escudos da Amadora. Mais 200\$ do Porto. De Paços de Brandão, 500\$. Uma encomenda de roupas e 100\$, da Chamusca. Amigo de Montalegre, com uma caixa de camisas. Quinhentos de Nova Freixo. Jovem de Cascais envia 200\$ para ajuda da consoada. Vale de 1.800\$ do Pessoal da Fábrica de Malhas Férpos. Da Tabacaria Lusa, 1.640\$, produto dos donativos lançados na caixa-mealheiro instalada no balcão do estabelecimento. Duzentos de Maria Leonor. Quinhentos da Parede. Trezentos de Oliveira do Douro, entregues pelo Carlitos. Dos funcionários da Caixa Têxtil, 62\$50 por alma de Manuel José Pereira. É o excedente de uma missa e flores, que os colegas da secção ofereceram na altura do falecimento.

## Notas do tempo

Cont. da PRIMEIRA pág.

sociabilidade. O que tal importa de esforço e de renúncia e de sacrifícios pessoais! Quantas desilusões os homens se produzem: os do mesmo grupo, os do mesmo ideal! Quantos pruridos de orgulho, quantos desmandos de ambição, quantos obstáculos de humor, quantos complexos a vencer!

A construção da sociedade nova exige homens pacientes, lúcidos, esquecidos de si-mesmos para verem, livre e prioritariamente, o bem-comum, em que acharão o seu próprio bem.

Cristo, o único Mestre e Senhor, só Ele é garantia destas qualidades que não são geralmente inatas nem fáceis ao Homem — as quais o vão definindo senhor de si-mesmo, portanto, livre, célula-livre de uma sociedade verdadeiramente livre.

«Que ninguém se iluda...!»

Padre Carlos

Eis a nossa recoveira do Bairro da Pasteleira que envia 1.160\$ e roupas. «Portuense amigo» com 100\$. Clara e José Flores com 70\$. Por alma de Gilberto Dias e Manuel Dias, 300\$. Da Anadia, Teresa envia 50\$. Agradecida ao Senhor, pela cura de gravíssima doença, 1.000\$ de Meia-Via (Torres Novas). De Ovar, entre várias ofertas enviadas por mão amiga, 100\$ de Maria Adelaide Costa. Dois mil de Aveiro. Roupas de Santo Tirso. Mil da Amadora. Pelo regresso de uma boa tropa, 200\$ de Mário. A habitual caixa de vinho do Porto dos Amigos Manuel Domingos Poças Júnior. Outra presença que nunca falta nesta época é o Pessoal da Fábrica de Tecidos do Jacinto. Deles recebemos 2.200\$.

De Leiria, parte dum ordenado, 1.700\$. E tudo que entregam à porta do Lar do Porto, ou no Espelho da Moda. E ainda 2 pacotes com roupas chegados de Alcobça. E mais delas, nova e óptima, vinda de Portalegre. Em memória do sr. Eng.º José Bento Azevedo, recebemos 6.430\$ de Colegas e Trabalhadores dos serviços no Porto da Companhia Portuguesa de Electricidade.

O nosso abraço muito grato para todos vós.

Manuel Pinto

P. S. — Um postal:

«Junto a este envio pelo correio 2 volumes de roupas. Tenho a informar que são roupas usadas dos meus filhos e que lhes deixaram de servir. Peço o favor de mandarem dizer se as receberam e se servem. Caso não sirvam para os miúdos vestirem, pelo menos servirão para limpar as máquinas da vossa tipografia.

Peço desculpa de irem roupas por acabar de arranjar mas como a minha mulher é empregada não tem vagar e aí deve haver costureiras para o fazerem.

Com um abraço de amizade...

É verdade que aparecem af pacotes de roupas usadas, por vezes mesmo modestas, em que, desde a embalagem ao conteúdo, abundam os sinais de uma grande delicadeza, de uma extraordinária dedicação.

Mas igualmente surgem outros — às vezes, até, que nos chamam a ir por eles — que são um autêntico alijar de lixo, ao qual não temos outro destino a dar que não seja a fogueira.

A nossa muita gratidão aos primeiros. Aos segundos o pedido de respeito.

Padre Carlos

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

Não é uma enxurrada; não senhor. Mas uma torrente certinha, viva, reconfortante. Isso sim!

Os trambolhões da descolonização repercutiram-se duramente na família de Assinantes de «O GAIATO»! Foi uma quebra acentuada, pois eliminámos cerca de cinco mil deles. Não falando já dos jornais que seguiam para a venda-avulsa, em Angola e Moçambique.

É certo que alguns refugiados, com a vida mais ou menos estabilizada, retomam o contacto. Mas as chicotadas psicológicas e materiais são tão profundas, tão graves, que vão custar muitos anos a cicatrizar.

«Há muito que penso escrever-vos, mas só hoje me dispus a fazê-lo. Sou uma antiga assinante de Lourenço Marques, que está agora a residir em Lisboa. Queria continuar a ser assinante do nosso jornal e ter o antigo número, se fosse possível...»

Onde chega a amizade: «queria... ter o antigo número, se fosse possível...!»

Realmente, esta foi uma quinzena recheada. Escolhemos cartas expressivas; mas... o es-

paço não nos permite grandes voos.

Senhora da Hora:

«No princípio de mais um ano, não queremos deixar de lhes desejar as maiores felicidades no vosso trabalho e agradecer a chegada pontual e tão desejada do «Famoso», lido e relido de fio a pavio. Através dele, que a luz que Padre Américo lançou no coração dos homens continue a brilhar e a orientar a nossa caminhada para o Pai, nesta época difícil que vivemos. Temos o prazer de lhes enviar o nome de duas pessoas que desejam tornar-se assinantes de «O GAIATO»...»

E, como habitualmente, terminamos com a nota dos domicílios dos novos Assinantes Porto, Lisboa, Coimbra, Minas da Panasqueira, Damaia, Mex Martins, Algueirão, Santo Amaro de Oeiras, Bragança, Rio Tinto, Livramento, Braga, S. Julião do Freixo (Minho), Vila Formoso, Santo Tirso, Sintra Cacém, S. Pedro do Estoril Amadora, Povolide (Viseu), S. João da Madeira, Valongo de Vouga, Oeiras, Rego de Água (Murto), Joanesburgo (África do Sul) e Recife (Brasil).

Júlio Mendes

## Setúbal



«Temos mais uma Luz no Céu». É já expressão consagrada pel'«O Gaiato» quando os padres desta Obra dão notícia aos amigos da partida de um dos nossos!

Sempre que uma dor destas nos abre a alma sentimos bem que uma luz se acende! Desta vez foi o Sebastião Luís. Era nosso há um ano. Veio da rua. O ferrete de pai incógnito. A desgraça de mãe anormal. A miséria de doze anos sem ambiente familiar. Sem escola. O palavrão. A reguilece. A rua tinha-lhe entrado na consciência. O seu olhar, a sua cara diziam-nos logo que era dos nossos. Fugiu duas vezes. Voltou. Transformou-se como é hábito no nosso ambiente. Eu não me dera conta de que ele tivesse já entrado tão dentro de mim. Choramos de impotência. É normal. Mas esta morte traz-nos mais amor aos Pobres. Radicamos mais a nossa dedicação. Sem demagogias. Sem alardes! Sem nos querermos servir deles para que vingue a nossa ideia. Sem nada. Por amor. O Sebastião partiu levado por uma leucemia aguda. De repente. Sem preparação nossa. O Deus de Abraão recebeu-o como a Lázaro. Por muitos motivos e mais por este: «por ser pobre».

Padre Acílio



# Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa